“O CICLO DO CARANGUEJO”: ESCRITOS DE JOSUÉ DE CASTRO SOBRE O RECIFE NA DÉCADA DE 1930.

Mariana Prudente da Silva[1]
(Universidade Católica de Pernambuco, Graduanda, mariana.2009180@hotmail.com).

Este artigo tem como proposta analisar as referências utilizadas por Josué de Castro em meados da década de 1930 na construção da representação do Recife no conto “O Ciclo do Caranguejo” e na obra *Documentário do Nordeste* (1937). O interesse pelo tema está associado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) proposto pelo orientador Prof.° Dr.° Helder Remigio de Amorim, que anteriormente se debruçou em suas pesquisas sobre Josué Castro, o que resultou na produção da sua tese de doutoramento, intitulada *“Um pedaço incomensurável”: A trajetória intelectual e política de Josué de Castro (1946-1964).* Nesta pesquisa utilizei como documentação o livro *Documentário do Nordeste,* algumas edições (1ª, 2ª, 3ª) foram consultadas no acervo pessoal de Josué de Castro. Além do material iconográfico e algumas correspondências salvaguardadas pela Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Analiso Josué de Castro como um intelectual que dialoga com questões sociais referentes a problemática da fome e que durante a década de 1930 produziu em seus escritos sobre representações do Recife que estavam relacionadas as análises dos espaços de sociabilidades e da ocupação do espaço urbano da cidade. O Recife representado por Josué de Castro partiu de uma linha interpretativa mais inclinada a relacionar as desigualdades sociais que vigoravam entre os indivíduos e as marcantes diferenças existentes nas formas de apropriação da riqueza social.

PALAVRAS-CHAVE: Josué de Castro; Recife; Relações Sociais

“Eu vi o mundo... ele começava no Recife” (DIAS, 1930). Nesta cidade nascia Josué Apolônio de Castro, filho de Manuel Apolônio de Castro, proprietário de terras e mercador de gado e leite; e de Josefa de Castro,

[1] Bolsista voluntária do PIBIC – UNICAP. Orientador: Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim (PPGH-UNICAP).

apelidada de Dona Moça, Professora de primário. Em 1929, formou-se em Medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, logo após retornou para o Recife e passou a trabalhar em uma fábrica nos anos de 1930. Após essa experiência, produziu um estudo intitulado *As condições da Vida das Classes Operárias do Recife (1932)* que obteve repercussão nacional, além de introduzir parte desse estudo na obra *Documentário do Nordeste* (1937). Durante a década de 1930, Castro pode ser visto como um intelectual que analisa a problemática da fome com olhar biológico e social, resultando nos seus escritos relacionados a ocupação dos espaços de sociabilidades, das desigualdades sociais e das representações do Recife. Dando ênfase aos mangues, e a partir disso, explicando o fenômeno biológico *Ciclo do Caranguejo*, que supria a necessidade "nutricional" da população menos favorecida do Recife. "O mangue é um camaradão. Dá tudo, casa e comida: mocambo e caranguejo" (CASTRO, 1965, p. 24).



Figura 1: Retrato da formatura de Josué de Castro na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1929. Autor desconhecido. Acervo pessoal Josué de Castro- FUNDAJ. Fotografias. Pasta 08.

Durante o início do século XX, o Brasil vivenciava os primeiros anos do regime republicano, do qual deflagraram-se inúmeras mudanças, principalmente no campo político e social. Pois, nesse momento histórico as cidades de origem colonial como o Rio de Janeiro passavam por transformações urbanísticas pelo fato de serem insalubres e cheias de pestes que ocasionaram em epidemias, resultando na morte de milhares de pessoas, e pelas influencias europeias (francesas) na área das artes, arquitetura e literatura. Essas mudanças interferiram na mentalidade das pessoas em relação a higienização, acarretando no interesse do desenvolvimento da ciência no Brasil, e na criação de instituições de ensino superior nas áreas de mais necessidade como Medicina, Engenharia e Direito. Era uma sociedade que buscava o progresso e a modernidade.

> Durante a década de 1930, os letrados mantiveram estreitas relações com as Ciências Jurídicas, haja vista a força da Faculdade de Direito do Recife, de São Paulo e, mais tarde, do Rio de Janeiro. Nesse momento, outras áreas também eram contempladas com a formação de uma intelectualidade local, a exemplo da Faculdade de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, e a Faculdade de Engenharia em Ouro Preto- MG, que descentralizava o ensino superior no início do século XX.[2]

Neste cenário a busca por uma vida acadêmica poderia dar possibilidades aquela sociedade de ter estabilidade financeira, de acordo com a escolha da profissão, além de contribuir na inserção de espaços de sociabilidades como a política. E assim aconteceria com Josué de Castro, que a princípio se forma no curso de Medicina a pedido de sua mãe, mas que ao longo do tempo vai se voltando a outras áreas, exemplo as ciências sócias, a

[2] MOURA, Carlos André Silva de. *Fé, saber e poder: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2012, p.50.

partir disso, Castro torna-se um intelectual de dimensão interdisciplinar. “Provavelmente, agregar outros interesses ao saber médico possibilitou o contato com outros campos do conhecimento que se tornaram possíveis para suas reflexões.” (AMORIM, 2016, p.70). Era um período em que os bacharéis tinham grande importância, por isso utilizamos a denominação de “sociedade bacharelesca.” Do quais, muitos estavam associados a difusão de teorias políticas, na formação de uma sociedade brasileira elitizada, que na maioria das vezes esses intelectuais defendiam projetos autoritários com o intuito de manter o patriarcalismo e o mandonismo social. Nesse momento é possível ver diversos letrados chegarem a cargos políticos de dimensão estadual ou até mesmo federal.

Identifica-se que a sociedade Republicana, era saudosa ao período monárquico, do qual o Brasil mantinha relações com sua antiga metrópole (Portugal), e que também lamentava a separação da igreja ao Estado pelo processo de Laicização. Refere-se a Igreja Católica não só como templo voltando a cerimônias religiosas, mas uma instituição que mantinha e mantém relações políticas. Mas na primeira metade do século XX, o cenário político brasileiro sofria grande instabilidade com o governo militar de Marechal Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto marcado por insatisfações e incertezas, e posteriormente o Brasil vivencia a destituição de Washington Luís, dando fim a política de “Café com Leite”. Que dava vez ao Governo Provisório do gaúcho Getúlio Vargas (1930-1934), que também será caracterizado por forte insatisfação por parte dos paulistas, que não hesitaram em lançar a “campanha do ouro” para arrecadar fundos a fim de motivar o estado de São Paulo contra o governo federal, dando início a “Revolução Constitucionalista” eclodida em 9 de julho de 1932.

Percebe-se que no início do século, especialmente na década de 1930 muitos homens se dedicaram ao intelectualismo e as demandas sociais do momento histórico. “Muitos letrados alinharam-se a movimentos políticos, buscando uma nova realidade para o Brasil, sendo importantes suas relações

com os espaços de sociabilidades, sejam na imprensa, instituições de ensino superior ou nos locais de reuniões dos pensadores do período" (MAURO, 2012, p.50). De acordo com o historiador Carlos André, os jovens intelectuais daquele momento sentiam a necessidade de estarem inseridos em espaços de sociabilidades como livrarias, cafés "Continental" e "Lafayette", institutos de caráter cientifico como Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP) e a Academia Pernambucana de Letras (ALP), lugares onde reuniam-se diversas pessoas do mundo das letras para discutirem questões daquele período, seja referente as modernidades advindas da Europa ou sobre projetos políticos. Algo bem peculiar para comparar-se com a atualidade, no qual fica perceptível que pessoas vinculadas a esses espaços são na sua maioria pertencentes a classe acadêmica ou abastada. Neste período ficou evidente que Pernambuco detinha grupos de estudiosos, que estavam atentos as mudanças sócio-política daquele espaço, e que também conseguiram inserir-se na política, principalmente no período do Estado Novo (1937-1945), o que desconstrói a ideia de que apenas o Rio de Janeiro por ser a capital do país seria o centro de difusão cultural, político, social e acadêmico.

"O romance, no século XIX, se apoderaram do passado, deslocando para o registro da ficção literária fatos e personagens históricos e colocando no cenário ou na página situações que foram reais ou que são apresentadas como tais." (CHARTIER, 2010, p.25). De acordo com Durval Muniz, na década de 1930, muitos intelectuais, principalmente nordestinos se dedicaram a escrever uma literatura com o objetivo de explicar a identidade do Nordeste. E é justamente nesse cenário de mudanças que influenciaram no conteúdo ideológico. É também a busca pelo realismo e a função social da obra emergem como expressão no momento em que o romance burguês começa a ser contestado. Ou seja, há substituições que resultaram em produções mais subjetivas, em que ações do cotidiano foram inseridos nesse novo contexto, que almejava reproduzir soluções sociais.

São obras que deixam transparecer o Nordeste como vítima preferencial do desenvolvimento da sociedade capitalista do país, o objetivo de mostrar a verdade social, sem romantizar determinadas situações. E expor sim, as misérias, perturbações, a fim de denunciar e ao mesmo tempo alertar a sociedade através da literatura sobre os problemas que o Nordeste enfrenta. Foi nesse novo contexto literário, que intelectuais como João Cabral de Melo Neto e Josué Apolônio de Castro passaram a se debruçar numa escrita com tom de denúncia. No qual, ambos trabalham com a problemática da fome. A partir disso, pode-se fazer comparativos referente a migração de famílias sertanejas para núcleos urbanos, a fim de fugir da miséria que causa morte. “Ele contempla o filho morto: um feixe de ossos enrolados numa colcha de retalhos com uns olhos muito claros e muito abertos, os glóbulos vidrados e secos, sobre os quais a chama de uma vela acesa faz perpassar sombras muito leves.” (CASTRO, 1965, p. 48). Para preservar a vida esses retirantes retratados por João Cabral e Castro destinavam-se a Recife, para viver nos arrabaldes próximos ao Rio Capibaribe e do mangue, onde era possível extrair sua principal fonte de alimentação. “Por outro lado, o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lamber os seus cascos até que fiquem limpos como um copo.” (CASTRO, 1965, p.24). É diante do cenário de transformações urbanísticas, política conturbada, e de formação de homens letrados voltados a política conservadora, que Josué de Castro escreve a obra intitulada *Documentário do Nordeste* (1937), era um escrito literário que contava peculiaridades referentes a região nordestina, especialmente a trajetória e desafios do sertanejo que migra para o Recife, fugindo da seca e da miséria que causa fome, e que por falta de oportunidade ocupam os arrabaldes da cidade, geralmente situados nos bairros de Afogados, Santo Amaro, São José... onde moram em mocambos- habitações simples. “Com as paredes de barro batido, num engradado de ripas, formando a estrutura chamada “taipa”, o mocambo tem em regra a forma retangular, com as quatro paredes de mesma altura e é coberto por um toldo de palha.” (CASTRO, 1965, p. 63), tendo que

trabalhar em ambientes fabris, ganhando o mínimo para sua sobrevivência, e tendo que alimentar-se de caranguejos, do qual chega o momento que o homem faz parte do *Ciclo do Caranguejo*.

> E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo de seus filhos. São cem mil indivíduos, cem cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita, volta como detrito, para a lama de mangues, para virar caranguejo outra vez.[3]

No fim dos anos 1930, após a edição da obra Documentário do Nordeste alguns jornais dos estados brasileiros noticiaram da seguinte forma:

> O Sr. Josué de Castro é um trabalhador infatigável, vez por outra elle aparece com um livro novo sempre interessante.
> Agora vem de publicar um a que deu o título de "Documentário do Nordeste." O próprio título está dizendo da importância incontestavel desas optimo trabalho literario. Vários aspectos da região nordestina são estudados com um interesse e um sentido de profundidade resimente causa admiração. São aspectos já conhecidos de toda gente, mas que, aos olhos de Josué de Castro, que é uma grande inteligência, assumem uma importancia extraordinária, se apresentam revestidos de cores ineditas [...][4]

Documentário do Nordeste obteve 3 edições lançadas em períodos distintos. A 1ª edição (1937), a 2ª (1957) e a 3ª (1965). Mas todas tratam do mesmo contexto, porém mantendo diferenças expressivas, referente a estética

[3] CASTRO, Josué de. Documentário do Nordeste. 3ª ed. São Paulo: Editôra Brasiliense, 1965, p.63.

[4] VIDAL, Ademar. Especial para "A nação": Documentário do Nordeste. A nação, Rio de Janeiro, 22 de ago. 1937.

da obra, diante da capa, gravuras, inserção de capítulos ou adição de alguns outros comparados as edições posteriores. As imagens a seguir explicitam as diferenças entre as edições.

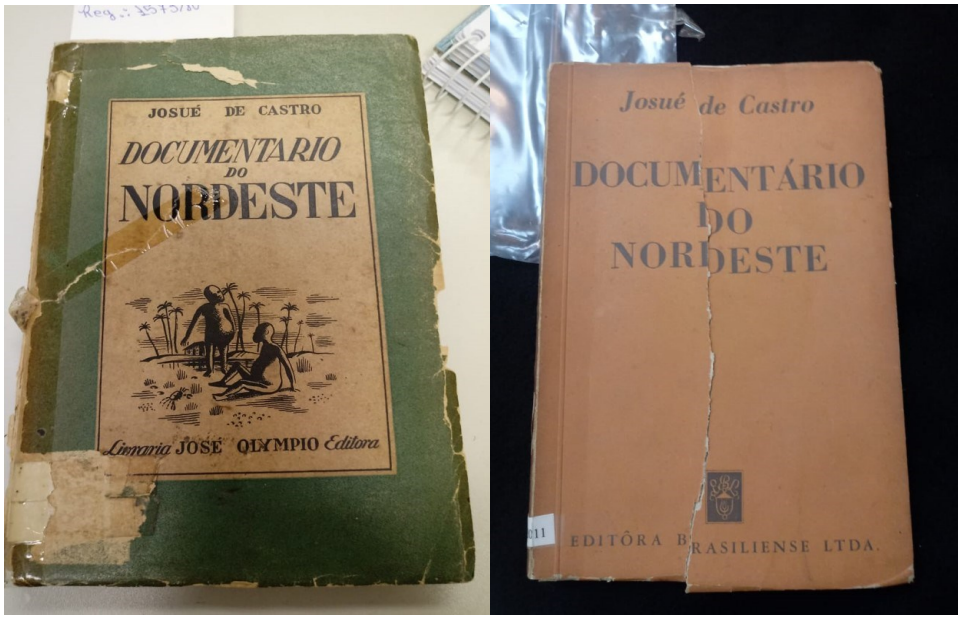

Figura 02: Fotografia da capa de Documentário do Nordeste. Fonte: Biblioteca Blanche Knopf – FUNDAJ/CEHIBRA. 1ª Edição (1937)

Figura 03: Fonte: Fotografia da capa de *Documentário do Nordeste*. Biblioteca Blanche Knopf – FUNDAJ/CEHIBRA. 2ª Edição (1957)

Nas imagens podem-se observar diferenças nas capas da 1ª e 2ª edição, na edição de (1937), apresenta a capa com gravura expressando o cotidiano das populações que vivem nos subúrbios do Recife. A imagem retrata dois seres humanos de sexo indefinível, extremamente magros, porém, detêm a região estomacal (barriga) avantajada, algo desproporcional para aquela estrutura corporal, o que indica que aqueles indivíduos portam alguma doença provocada pela desnutrição, além disso, é possível ver alguns coqueiros, plantas provenientes de regiões litorâneas, exemplo Recife, outra peculiaridade é o mocambo como representação das habitações de uma população menos favorecida. O rio e o mangue compõem a paisagem daquele espaço, além do

caranguejo, animal importante para a alimentação, representação e identificação daquelas pessoas.

Outras diferenças podem ser vistas na composição da obra. Doravante a 1ª edição (1937), foi editada no Rio de Janeiro, pela Editora José Olympio, isenta de gravuras no corpo do texto, sofrendo alterações na fonte, ocasionando no aumento de páginas, ausência de prefácio e explicação, além de acrescentar ou retirar determinados capítulos, diferentemente da 2ª edição (1957) e 3ª (1965) que foram editadas em São Paulo, pela Editora Brasiliense, contendo prefácio escrito por Olívio Montenegro, ilustrações de Darel. As edições posteriores a década de 1930, dividem-se em: Parte I – "A paisagem viva do Nordeste", Parte II – "Estudos Sociais" e Parte III – "Estudos Biológicos. "

No primeiro dialogo apresentado no livro, Castro descreve a cidade de Recife como um centro plural que comporta culturas distintas de influencias (europeia, africana, brasileira...), das quais, ficam perceptíveis ao olhar os espaços de sociabilidades como universidades, museus, casarios, ruelas... Andar pelo Recife é viajar na História, regressar o passado que se contrapõe as modernidades.

> O Recife, Capital do Nordeste, não é uma cidade duma só côr, nem dum só cheiro, como muitas encontradas por Kipling em suas viagens, que depois as podia evocar admiràvelmente num só adjetivo, expressão dum estado sensorial. Longe disto. Por seu arranjo arquitetônico, pela tonalidade própria de cada uma de suas ruas, o Recife é desconcertante, como unidade urbana, impossível mesmo de caracterizar-se. Casas de todos os estilos. Contrastes violentos nas cores gritantes das fachadas.[5]

[5] CASTRO, Josué de. Documentário do Nordeste. 3ª edição. São Paulo: Editôra Brasiliense, 1965, p.13.

No decorrer do conto intitulado “A cidade” Castro privilegia alguns bairros históricos do Recife, a fim de caracterizá-los de acordo com as populações que os ocupam. E através desta descrição é possível ver a inclinação do autor em fazer comparativos as desigualdades sociais existentes. Entre os bairros citados estão: “Casa Amarela” onde os moradores são pertencentes as classes abastadas, já “Afogados”, “Pina”, “Santo Amaro” são locais povoados por populações pobres, negras, mestiças, migrantes, descendentes de escravos, que se fixaram nesses bairros, construindo suas habitações simples (Mocambos). Algo peculiar e perturbador é ver que as críticas de Josué de Castro ainda podem ser utilizadas na atualidade. Pois, a fome, a miséria, a desigualdade e as faltas de condições de habitação ainda estão estampadas na paisagem recifense. “Acidade não dorme, está sempre à espreita: dispõe de todos os meios de manifestar sua opinião, boa ou ruim, sobre a vida lhe impõe, pois ela dá medo. (FARGE, 2009, p. 30). No conto “O ciclo do caranguejo” o autor se debruça a analisar e retratar a vida dos sertanejos que migram do sertão para a cidade, assim como Severino retirante da Obra *“Morte e Vida Severina”*, de João Cabral de Melo Neto e a Família Silva retratada neste conto.

> A família é originária do sertão. Desceu do Cariri, na sêca, perseguida pela fome. Fêz uma paradinha no brejo, para tentar o trabalho das usinas, mas não se pôde aguentar os salários dessa zona, sem ter direito a plantar senão cana. Sem ter, nem ao menos o recurso do xiquexique e da macabira, como no sertão, para quando a fome apertasse. Nesse tempo espalharam pelo interior um boato que o govêrno tinha criado um ministério para defender os interêsses do trabalhador e que como os fiscais da lei, a vida na cidade estava uma beleza, trabalhador ganhando tanto que dava para comer até matar a fome. A família Silva ouviu está estória acreditou piamente e

> resolveu descer para a cidade, para gozar das vantagens que o govêrno bom oferecia aos pobres.[6]

Quando a família chega a cidade grande, percebe que a vida não era tão fácil, e que a partir daquele momento eles precisariam trabalhar incessantemente nas fábricas para sobreviverem. Sabe-se que no início do século XX trabalhar em ambientes fabris era desgastante. Pois, a carga horária era excessiva, o salário era curto e o local de trabalho era insalubre propício os perigos invisíveis, no caso a doença, como é retratado no estudo de Castro "As condições da Vida das Classes Operárias do Recife" e no conto intitulado "Assistência Social". Que afirmava que os operários não conseguiam produzir o esperado, por que estavam fragilizados com a falta calorias, ou seja, eles não obtinham uma alimentação adequada. Logo, não conseguiam desempenhar suas atividades.

Na estrutura desse trabalho me preocupei em contextualizar, a obra "Documentário do Nordeste" com a formação de Josué de Castro como um médico, que analisa os problemas sociais referentes a sociedade, a representação da cidade e os espaços de sociabilidades das classes, o cenário sócio-político da década de 1930, envolvendo o interesse pela ciência, o papel do médico numa sociedade higienizada, as mudanças urbanísticas das capitais, a formação de grupos intelectuais no Recife dos anos 1930, a formação da literatura romântica com caráter social, o lançamento do livro Documentário do Nordeste, e como a edição foi noticiada nos jornais da época, explicitar as principais diferenças entre as edições, e debruçar-se diante da problemática da fome.

Referências Bibliográficas

[6] CASTRO, Josué de. Documentário do Nordeste. 3ª ed. São Paulo. Editôra Brasiliense, 1965, p. 23.

AMORIM, Helder Remigio de. “*Arquivar a própria vida”: O acervo pessoal Josué de Castro como instrumento para a pesquisa histórica*.

AMORIM, Helder Remigio de. *Um pedaço incomensurável: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro*. 2016. 266 f. Tese (Doutorado em História)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ARRAIS, Raimundo. *O Pântano e o Riacho: a formação do espaço político no Recife do século XIX.* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BARROS, José D’ Assunção. *Cidade e História. Petrópolis*, RJ: Vozes, 2007.

BARTHES, Roland. *A morte do autor. In: O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BURKER, Peter. PALHARES-BURKER, Maria Lúcia Garcia. *Representando os Trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. A Fome no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

_____, Josué de. *Documentário do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937.

____, Josué de. *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier.* São Paulo: Editora UNESP, 1998.

DOSSE, François. *O desafio Biográfico. Escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FARGE, Arlette. O sabor do arquivo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. *O que é o autor?* In: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense, 2001.

FREITAG, Bárbara. *Teorias da Cidade*. Campinas-SP: Papirus, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Guia Histórico e sentimental da cidade do Recife*. São Paulo: Global, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. *Ideologia e trabalho no Estado Novo*. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: Memoria e Práticas Culturais*, Cuiabá: EDUFMT, 2006.

MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.

MOLLIER, Jean- Yves. Edição, *Imprensa e Poder na França no Século XX*. São Paulo: EDUSP, 2015.

MOURA, Carlos André Silva de. Fé, Saber e Poder: *Os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife.* Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2012.

PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil*. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

____, Lilia Moritz. STARLING, Heloísa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.